

“EIS AÍ TUA MÃE” (JO 19,27).

REFLEXÃO BÍBLICA, TEOLÓGICA E ESPIRITUAL SOBRE A MATERNIDADE DE MARIA AOS SACERDOTES A PARTIR DO QUARTO EVANGELHO

Luiz Henrique Brandão de Figueiredo

Doutor em Teologia Moral pela *Academia Afonsiana* de Roma, Instituto Superior de Teologia Moral – Universidade Lateranense. E-mail: luizbf1@hotmail.com

Mariosan de Sousa Marques

Mestre em Exegese pelo *Pontifício Instituto Bíblico* de Roma.
E-mail: mariosansousa@hotmail.com

Resumo: Neste ano de 2017, celebramos duas datas marianas significativas: o tricentenário do encontro da Imagem de Nossa Senhora da Conceição, conhecida depois como Aparecida, e o centenário das aparições de Nossa Senhora em Fátima. A pessoa de Maria tem um lugar particular na vida da Igreja, pois teve, antes, na vida de Jesus, seu fundador. Particular relevância também tem a figura de Nossa Senhora para os sacerdotes. Por isso, neste nosso artigo, propomos uma reflexão bíblica, teológica e espiritual sobre a relação maternal/filial entre Maria e os presbíteros da Igreja. Nossa reflexão se baseará, sobretudo, no Evangelho de São João, particularmente no estudo comparativo entre o episódio das Bodas de Caná e da paixão e morte de Jesus. Queremos ver como Maria está presente na vida de Jesus, o Sumo e Eterno Sacerdote, e na vida de cada presbítero, e como esses devem acolher a Mãe de Deus como sua mãe.

Palavras chave: Maria. Sacerdote. Jesus. Cruz.

Abstract: In this year 2017, we celebrate two significant Marian dates: the tercentenary of the encounter of the Image of Our Lady of the Conception, later known as Aparecida, and the centenary of the apparitions of Our Lady in Fatima. The person of Mary has a special place in the life of the Church, because she had great importance, before, in the life of Jesus, her founder. Particular relevant is the figure of Our Lady for the priests. Therefore, in this article, we propose a biblical, theological and spiritual reflection on the maternal / filial relationship between Mary and the presbyters of the Church. Our reflection will be based, above all, on the Gospel of St. John, particularly in the comparative study between the episode of the Wedding of Cana and the passion and death of Jesus. We want to see how Mary is present in Jesus' life, Eternal Priest, and in the life of every priest, and how they should welcome the Mother of God as their mother.

Key words: Maria. Priest. Jesus. Cross.

Resumen: En este año de 2017, celebramos dos fechas marianas significativas: el tricentenario del hallazgo de la Imagen de Nuestra Señora de la Concepción, conocida posteriormente como Aparecida, y el centenario de las apariciones de Nuestra Señora de Fátima. La persona de María tiene un lugar particular en la vida de la Iglesia, dado que antes lo tuvo también en la vida de Jesús, su fundador. Particular relevancia tiene además la figura de Nuestra Señora para los sacerdotes. Por estos motivos, el presente artículo propone una reflexión bíblica, teológica y espiritual sobre la relación maternal/filial entre María y los presbíteros de la Iglesia. La reflexión se basa sobre todo en el Evangelio de San Juan, particularmente en el estudio comparativo entre el episodio de las Bodas de Caná e el de la pasión y muerte de Jesús. El objetivo es contemplar cómo María está presente en la vida de Jesús, el Sumo y Eterno Sacerdote, y en la vida de cada presbítero, y cómo éstos deben acoger la Madre de Dios como madre suya.

Palabras clave: María. Sacerdote. Jesús. Cruz.

Sommario: In quest'anno di 2017, celebriamo due date mariane significative: il tricentenario del rinvenimento dell'immagine di Nostra Signora della Concezione, successivamente nota come Aparecida, e il centenario delle apparizioni di Nostra Signora di Fatima. La persona di Maria ci ha un posto particolare nella vita della Chiesa, dal momento che prima ce l'ha avuto pure nella vita di Gesù, il suo fondatore. La figura di Maria ha inoltre una particolare rilevanza per i sacerdoti. Per questi motivi, il presente articolo propone una

riflessione biblica, teologica e spirituale sul rapporto materno/filiale fra Maria e i presbiteri della Chiesa. La riflessione è basata soprattutto sul Vangelo di San Giovanni, in particolare, nello studio comparativo tra l'episodio delle nozze di Cana e quello della passione e morte di Gesù. Lo scopo è quello di contemplare come Maria è presente nella vita di Gesù, il Sommo e Eterno Sacerdote, e nella vita della di ogni presbitero, e di come questi devono accogliere la Madre di Dio come loro madre.

Parole chiave: Maria. Sacerdote. Gesù. Cruz.

Résumé: En cette année 2017, nous avons célébré deux dates mariales importantes: le trois-centième anniversaire de la rencontre de l'image de Notre-Dame de la Conception, connue plus tard sous le nom d'Aparecida, et le centenaire des apparitions de Notre-Dame à Fatima. La personne de Marie occupe une place particulière dans la vie de l'Église, puisqu'elle l'a eu, avant, dans la vie de Jésus, son fondateur. La figure de Notre-Dame a aussi une importance particulière pour les prêtres. Par conséquent, dans cet article, nous proposons une réflexion biblique, théologique et spirituelle sur la relation maternelle / filiale entre Marie et les prêtres de l'Église. Notre réflexion sera basée, avant tout, sur l'Évangile de Saint Jean, particulièrement dans l'étude comparative entre l'épisode du Mariage de Cana et la passion et la mort de Jésus. Nous voulons voir comment Marie est présente dans la vie de Jésus, le Souverain et Prêtre Éternel, et dans la vie de chaque prêtre, et comment ils devraient accueillir la Mère de Dieu comme leur mère.

Mots-clés: Marie. Prêtre. Jésus. Croix.

INTRODUÇÃO

O texto do Evangelho de São João nos relata que, aos pés da cruz, Nossa Senhora nos foi dada, da parte de Jesus, como nossa Mãe. Por meio das palavras: "Eis aí teu filho...eis aí tua mãe" (Jo 19,26-27), Ela se tornou Mãe de todos os cristãos. A maternidade de Maria tem, para todos os fiéis católicos, uma particular relevância. Deveria ter, ainda mais, para os sacerdotes. Desejamos, por isso, apontar nessa nossa reflexão alguns elementos que podem iluminar esse fato da vida sacerdotal, isto é, como Nossa Senhora e o sacerdote vivem este mistério de maternidade e filiação.

Nossa reflexão será orientada, ainda que de modo sumário, em três pontos. No primeiro, procuraremos ver como o ministério sacerdotal de Jesus está presente em toda a Sua vida. No segundo ponto, analisaremos, em paralelo, dois momentos da vida de Jesus onde a presença de Nossa Senhora não é secundária. No terceiro ponto, enfim, desejamos ver mais de perto a relação de Maria como Mãe dos sacerdotes¹.

1. O SACERDÓCIO DE JESUS E A CRUZ

O tema do sacerdócio de Jesus foi particularmente tratado na Carta aos Hebreus. Podemos dizer que todo este texto neotestamentário é uma leitura alegórica do Antigo Testamento, isto é, uma comparação muito elaborada. Seguindo a reflexão feita na introdução da carta, segundo nos é apresentado na Bíblia de Jerusalém, podemos reconhecer no texto dois cursos de argumentos. O primeiro deles é consagrado ao sacerdócio de Cristo e ganha impulso a partir da exegese cristológica do Sl 8 em 2,5-18, prolonga-se em 5,1-10 e atinge seu pleno desenvolvimento em 7,1-28. E 10,1-18 é enriquecido com uma parênese (10,26-36 e 12,14-17) e chega à sua conclusão em 13,20-21².

¹ Este artigo é o aprofundamento e a ampliação da reflexão feita pelo Pe. Luiz Henrique Brandão de Figueiredo na sua palestra proferida na 21ª edição do Congresso Teológico da Diocese de Anápolis e publicada na revista da Faculdade Católica de Anápolis (Cf. FIGUEIREDO, L.H.B. Maria, Mãe dos sacerdotes. *Revista de Magistro de Filosofia*, v. 10, n. 22, p. 236-243, 2017).

² BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2083-2084. Em parte, esta proposta de divisão da Carta foi já sustentada por Albert Vanhoye (Cf. VANHOYE, A. *La Structure Littéraire de l'épître aux Hebreux*. Lyon: Desclée De Brouwer, 1962, p. 19).

O texto dirigido ao cristãos hebreus permite-nos afirmar que a proclamação de Cristo como sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, por parte do Pai (Hb 5,6.10), se dá no contexto em que Cristo, “dirigiu preces e súplicas, com forte clamor e lágrimas, àquele que tinha poder de salvá-lo da morte” (Hb 5,7), momento no qual Ele, “quando levou a termo sua vida, tornou-se causa de salvação eterna para todos os que lhe obedecem” (Hb 5,9)³. As expressões usadas no texto são sugestivas e conduzem nosso pensamento ao drama⁴ vivido pelo Senhor durante aquele Tríduo Santo da sua paixão, morte e ressurreição. Podemos, portanto, fazer uma ligação entre a proclamação do sacerdócio de Jesus, de modo particular, com o momento da Sua paixão, morte e ressurreição. Na cruz, Cristo exerce de modo pleno o Seu sacerdócio e é, ao mesmo tempo, altar e cordeiro (Cf. Prefácio da Páscoa V).

Podemos delimitar a experiência da cruz, momento do pleno exercício do sacerdócio de Cristo, no tempo e no espaço, mas o seu mistério esteve presente ao longo de toda a vida de Jesus. Como não reconhecer, por exemplo, na manjedoura feita de madeira um sinal prévio do lenho do qual pendeu nosso Salvador. Sem querer esgotar os exemplos, como não reconhecer na perseguição deflagrada por Herodes ao Menino Deus recém-nascido uma

³ Segundo Nello Casalini a Paixão e a Exaltação de Cristo são apresentadas como um sacrifício sacerdotal ou para a investidura como sumo sacerdote. Em primeiro lugar, o texto mostra que Cristo foi escolhido por Deus (5,5-6). Depois, apresenta a sua oração durante a Paixão como oferta sacrificial (5,7) e a sua obediência até à morte como meio que o conduziu à perfeição, isto é, à consagração, o que o tornou causa de salvação para aqueles que lhe obedecem (5,8-9) (Cf. CASALINI, N. *Agli Ebrei. Discorso di Esortazione*. Studium Biblicum Franciscanum. Analecta n. 34. Jerusalém: Franciscan Printing Press, 1992, p. 166).

⁴ Muito discutido é o significado de Hb 5,7: “É ele que, nos dias de sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas, com veemente clamor e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte; e foi atendido por causa da sua submissão” (versão da Bíblia de Jerusalém). Nota-se que (δεήσεις, “deêseis” = orações; ἰκετηρίας, “iktêrias” = súplicas... προσενέγκας, “prosenekas” = oferecendo), se refere à oração do Cristo durante a sua Paixão, apresentada como oferta sacrificial, enquanto o particípio προσενέγκας provém de προσφέρω (“prosfêrô”), já usado em 5,1,3 para indicar atividade sacrificial expiatória do sumo sacerdote. O valor sacrificial de προσενέγκας foi reconhecido por diversos exegetas (Cf. GRÄSSER, E. *Der Hebräerbrief 1938-1963. Theologische Rundschau*, v. 30, p. 138-236, 1964; ANDRIESEN, P. *Angoisse de la mort dans l'Épître aux Hébreux. Nouvelle Revue Théologique*, v. 96, p. 282-292, 1974. ATTRIDGE, H.W. 'Heard because of His Reverence' (Hebr 5:7). *Journal of Biblical Literature*, v. 98, p. 90-93, 1979. FUILLET, A. *L'évocation de l'agonie de Gethsémani dans l'épître aux Hébreux (5,7-8). Esprit et Vie*, v. 86, p. 49-53, 1976. BACHMANN, M. *Hohepriesterliches Leiden. Beobachtungen zur Hebr 5,1-10. Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft*, v. 78, p. 244-266, 1987).

pré figura da perseguição feita por fariseus, saduceus e herodianos, desde o início da Sua vida pública, e que culminou no iníquo processo através do qual o Justo foi perseguido, julgado, condenado e mandado à morte?! Por fim, nas Bodas de Caná, como não ligar a "hora" mencionada pelo Senhor no diálogo com Sua Mãe com aquela "hora" definitiva em que entregou Sua vida por nossa salvação?!

Ao longo de todo este caminho no qual a cruz fez parte da vida de Nosso Senhor, Maria estava lá e, segundo a profecia de Simeão (Lc 2,22-40), participaria, de modo místico, desse mesmo mistério. Por isso, gostaríamos de refletir sobre dois momentos da vida de Jesus em que Maria esteve presente e ver a relação que podemos estabelecer entre a maternidade de Nossa Senhora e o sacerdócio de Seu Filho.

2. AS BODAS DE CANÁ E A CRUZ

O início do ministério público de Jesus é descrito nos quatro Evangelhos de modo diferentes, mas em todos eles este início é marcado por alguns fatos importantes que envolvem Sua vida. No quarto Evangelho, o primeiro sinal feito nas bodas em Caná da Galileia⁵ ocupa um lugar particular. Como nosso interesse é perscrutar a Palavra de Deus, vejamos o texto integralmente:

No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galiléia, e a mãe de Jesus estava lá. Também Jesus e seus discípulos foram convidados para o casamento. Faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: "Eles não têm vinho!". Jesus lhe respondeu: "Mulher, que é isso, para mim e para ti?"

⁵ No Novo Testamento, Caná da Galileia é mencionada só no Evangelho de João (2,1; 4, 46; 21, 2). Os autores medievais, e alguns entre os modernos, identificam Caná com a atual sítio arqueológico de Kirbet Qana, pouco distante de Séforis, a aproximadamente 14 km ao norte de Nazaré. Mais comumente, porém, Caná é identificada com o vilarejo de Kefar-Kana, situado 8 km a nordeste de Nazaré. O lugarejo hodierno conta com cerca de 1.500 habitantes, dos quais um terço é islâmico e o restante cristãos. Os diversos grupos cristãos possuem, cada qual a sua Igreja: latinos, gregos unidos e gregos cismáticos. Estes últimos conservam na sua Igreja dois grandes vasos que, segundo uma pia tradição, seria aqueles usados no banquete nupcial mencionados no Evangelho. Trata-se, na realidade, de duas antigas urnas batismais. Para mais detalhes conferir LOURENÇO, J.D. *Guia Bíblico e Cultural da Terra Santa*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008.

A minha hora ainda não chegou". Sua mãe disse aos que estavam servindo: "Fazei tudo o que ele vos disser!". Estavam ali seis talhas de pedra, de quase cem litros cada, destinadas às purificações rituais dos judeus. Jesus disse aos que estavam servindo: "Enchei as talhas de água"! E eles as encheram até à borda. Então disse: "Agora, tirai e levai ao encarregado da festa". E eles levaram. O encarregado da festa provou da água mudada em vinho, sem saber de onde viesse, embora os serventes que tiraram a água o soubessem. Então chamou o noivo e disse-lhe: "Todo o mundo serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já beberam bastante, serve o menos bom. Tu guardaste o vinho bom até agora". Este início dos sinais, Jesus o realizou em Caná da Galiléia. Manifestou sua glória, e os seus discípulos creram nele. (Jo 2, 1-11)

Além do fato miraculoso da transformação da água em vinho, um elemento central desta passagem é o diálogo entre Jesus e Maria. Este diálogo é o primeiro texto do quarto Evangelho em que João fala da "hora"⁶ de Jesus. Xavier Léon-Dufour, em seu comentário ao quarto Evangelho, afirma: "'Minha hora' designa certamente a abertura do ministério, que será a manifestação da glória mediante o protótipo dos sinais; pode aludir também, mais adiante, a essa hora da cruz que será a de retorno à glória do Pai"⁷.

Podemos afirmar, portanto, que a "hora" se refere ao momento em que Jesus é, ao mesmo tempo, elevado à cruz e na glória, pois em Seu morrer transparece a glória do Pai, que é amor e fidelidade até o fim. Léon-Dufour, ao tratar da interpretação que João dá à expressão "hora", ainda acrescenta:

⁶ Embora a frequência desta palavra no quarto Evangelho (26 vezes) não seja tão extraordinária para um evangelho, todavia é digno de nota a especial conotação dada a esse termo pelo Evangelista. Se nos outros Evangelhos a *hora* se refere em geral a qualquer hora do dia, João usa o termo para indicar um período significativo da vida de Jesus. Em alguns momentos Jesus diz que "a minha hora ainda não chegou" (2,4; 4,21.23; 5,25.28-29; 7,30; 8,20; 16,2.25.32). Em outros, Jesus diz "a hora chegou" (12,23.27; 13,1; 17,1). Para mais detalhes conferir: BROWN, R.E. *Giovanni. Commento al Vangelo spirituale*. 6ª ed. Assisi: Cittadella Editrice, 2005, p. 1459 e FERRARO, G. *L'«Ora» di Cristo nel quarto Vangelo*. Roma: Herder, 1974.

⁷ LÉON-DUFOUR, X. *Lectura del Evangelio de Juan, Jn 1-4, Vol. I*. Biblioteca de estudios bíblicos 68. Salamanca: Sigüeme, 1989, p. 186.

Em 7,30 e 8,20, assim como em 13,1, João qualifica deste modo [a hora] o momento da paixão e ressurreição de Jesus. Então, pode-se pensar que ao dizer “minha hora” (Jo 2,4), Jesus abria para Sua mãe a perspectiva pascal, na qual tudo ficaria “acabado”. No Calvário, quando Jesus confia Maria ao discípulo amado, voltamos a nos encontrar com os termos que foram utilizados em Caná para falar dela: “mãe de Jesus” e “mulher”. Portanto, é possível vislumbrar também aqui, à maneira de Santo Agostinho, que a manifestação da glória de Jesus em Caná é uma primeira etapa no caminho que conduz à cruz e à exaltação⁸.

Uma notação que poderia ser banal, mas é de profundo significado teológico é a referência ao terceiro dia das bodas de Caná. Os primeiros capítulos do quarto Evangelho se colocam dentro de um quadro semanal em alusão à semana da criação do Gênesis (Jo 1,19-2,12). O Evangelista apresenta, em Caná, o início da obra pública de Jesus distribuindo estes primórdios em sete dias. Destes sete dias, aquele culminante é o “terceiro dia” de Caná (Jo 2,1)⁹. Na teologia do quarto Evangelho, o terceiro dia de Caná faz referência, de um lado, ao terceiro dia do Sinai, no qual Deus deu a sua lei (Ex 19,10-11.16), de outro lado, ao terceiro dia da Páscoa, dia no qual Jesus manifesta plenamente a sua glória. No final do relato de Caná, de fato, o Evangelista nota que no “terceiro dia” Jesus “manifestou a sua glória” (v.11). O episódio, portanto, vai bem além de uma simples notação cronística de um milagre de Jesus numa festa de casamento, e adquire o sentido de cumprimento-plenitude em referência ao Sinai, e de antecipação em referência à Páscoa.

Esta dúplici polaridade impressa ao “sinal” de Caná (em grego: σημεῖον, “semeion”) pode ser vislumbrada na semelhança estrutural de base aos três eventos: Sinai-Caná-Páscoa¹⁰:

⁸ Ibid., p. 192.

⁹ Cf. BARROSSE, T. The Seven Days of the New Creation in St. John’s Gospel. *Catholic Biblical Quarterly*, v. 21, n. 4, p. 507-516, 1959.

¹⁰ Diversos autores estudam essa relação entre Sinai-Caná-Páscoa. Veja-se, por exemplo, SAHLIN, H. *Zur Typologie des Johannevangeliums*. Uppsala-Leipzig: [s.n.], 1950 p. 8-12; SERRA, A.M. Le tradizioni della teofania sinaitica nel Targum dello pseudo-Jonathan Es 19.24 e in Giov 1,19-2,12. *Marianum*, v. 33, n. 1, p. 1-39, 1971.

Sinai (Ex 19,11.16)	Caná (Jo 2,1.11)	Páscoa (Jo 2,19-21)
e estejam prontos para o <i>terceiro dia</i> ; porque no terceiro dia o Senhor, à vista de todo o povo, descerá sobre o monte Sinai...	No <i>terceiro dia</i> Jesus...revelou a sua glória e os seus discípulos creram nele	Jesus lhes respondeu: Destruí este templo, e <i>em três dias</i> o reconstruirei... Ele, porém, se referia ao templo do seu corpo.

Com relação ao Sinai, o episódio de Caná aparece como o início da nova aliança que Deus estabelece no seu Filho com o Novo Povo de Israel, do qual Maria é a primeira representante. Note-se que a palavra que Maria dirige aos servos traz muita semelhança com a resposta que o Povo de Israel havia dado ao Senhor aos pés do monte Sinai onde se ratificava a Aliança. Lá o Povo, a uma só voz, afirmava: "Aquilo que o Senhor disse, nós o faremos" (Ex 19,8; 24,3.7) e Maria diz aos servos: "Fazei tudo o que ele vos disser" (v.5b). O seu ato de fé está na base do dom do "vinho bom" (v.10), vinho melhor do que o primeiro. Nesse sentido, o vinho é símbolo daquela lei nova que Jesus doa com a sua Palavra, bem superior à lei antiga¹¹.

Se o leitor do quarto Evangelho estiver atento às alusões veterotestamentárias aí presentes, sobretudo a referência ao Sinai, poderá compreender porque Jesus se dirige à sua mãe com o título de "mulher", atitude não usual num diálogo entre mãe e filho¹². Na linguagem bíblico-judaica o povo de Israel é representado comumente sob a imagem de uma "mulher". Assim, pode-se compreender o motivo pelo qual Jesus, falando à sua Mãe, use o termo "mulher". A razão é: Jesus vê na sua Mãe a personificação do antigo povo de Israel que chega à plenitude dos tempos. Portanto, o apelativo "mulher" é a versão joanina do tema lucano "Maria,

¹¹ Essa interpretação é antiga, atestada já nos Santos Padres. Santo Agostinho escreve: "Cristo conservou o vinho melhor até agora, isto é, o seu Evangelho" (*In Iohannis Evangelium*, Tractatus CXXN 9, 2 [PL 35, 1459]).

¹² Um título semelhante para se dirigir à própria mãe é ausente na tradição bíblico-judaica, bem como nos escritores gregos e nos textos rabínicos. Além de usar esse título para sua mãe, Jesus a usa também para a samaritana (4,21), para a mulher adúltera (8,10) e para Maria Madalena (20,15).

filha de Sião”. Lucas e João veem em Maria o símbolo personificado de Israel, tesoro rumo à salvação escatológica. E isso, por via da reflexão “midrashica”, isto é, aplicando a Ela de maneira não explícita, mas alusiva, trechos do Antigo Testamento que se referiam ao povo de Deus como tal.

O Papa Paulo VI captou bem essa fina teologia joanina na qual Maria representa Israel que deve perceber o esvaziamento cultural da Lei do Sinai e acolher a doçura da Lei de Cristo. De fato, no final do n. 57 da *Marialis cultus* o Papa escreve:

A sigilar esta nossa Exortação e como um ulterior argumento em favor do valor pastoral da devoção à Virgem Santíssima, para conduzir os homens a Cristo, sejam aquelas mesmas palavras que ela dirigiu aos servos das bodas de Caná: “Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Palavras estas limitadas, na aparência, ao desejo de achar remédio para uma complicação surgida no decorrer do convívio; mas que, na perspectiva do quarto Evangelho, são realmente palavras em que parece repercutir-se o eco da fórmula usada pelo Povo de Israel para sancionar a Aliança sinaíta (cf. Ex 19,8;24,3.7; Dt 5,27), ou para renovar os compromissos da mesma (cf. Js 24,24; Esd 10,12; Ne 5,12); e palavras, ainda, em que há uma consonância admirável com aquelas outras do Pai, quando da teofania do monte Tabor: “Ouvi-O” (Mt 17,5)¹³.

Já com relação à Páscoa, o episódio de Caná aparece como o início da manifestação da glória que terá o seu ponto culminante no mistério pascal. De fato, o quarto Evangelista faz notar que o “sinal” de Caná foi o ἀρχή, (“arquê”, 2,11), isto é, não somente o primeiro, em sentido cronológico, mas o “protótipo” dos “sinais”. “Arquê” indica, portanto, não só o início do ministério público de Jesus, mas o início da sua revelação que culminará na

¹³ PAULO VI. *Exortação Apostólica Marialis Cultus. Para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-Aventurada Virgem Maria* (02 de fevereiro de 1974). AAS 66, 1974, p. 113-168, n. 57.

Ressurreição e entrega do Espírito, o sinal por excelência que consolidará a fé dos discípulos.

Ainda um último aspecto pode ser deduzido desta perícope. Poderíamos dizer que em Caná começa a delinear-se a Igreja. Pela fé de Maria também os discípulos creem em Jesus e os dois grupos de personagens, Maria e os discípulos, que no início estavam representados distintamente (vv.1.2), no fim do relato estão unidos: "Depois disto, desceu Ele para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos; e ficaram ali não muitos dias" (v.12). Podemos notar que são os mesmos personagens que Lucas apresenta reunidos no Cenáculo, no livro dos Atos (cf. At 1,14). A fé em Jesus reúne a Igreja e Maria é a primeira entre aqueles que fazem aquilo que Jesus diz e a primeira daqueles que creem nele, tema caro a todo o Evangelho de João (cf. Jo 1,12; 2,23; 3,16.18.36; 4,39; 1Jo 5,13).

Seguindo este raciocínio, cremos ser possível dizer o papel de Maria na ocasião das núpcias de Caná é, de algum modo, definitivo para que Jesus faça o Seu primeiro sinal que, a partir de então, o conduzirá paulatinamente à sua "hora" definitiva. Nesta perspectiva, podemos reconhecer que o texto das Bodas de Caná está intimamente ligado ao momento da paixão, morte e ressurreição de Jesus, particularmente ao momento da crucificação. O texto do Evangelho de São João narra um dos momentos ligados à cruz assim:

Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena. Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava, disse à mãe: "Mulher, eis o teu filho!". Depois disse ao discípulo: "Eis a tua mãe!". A partir daquela hora, o discípulo a acolheu no que era seu (Jo 19,25-27).

Jo 19,25-27 é, talvez, a perícope mais importante no que diz respeito aos fundamentos da relação entre Maria e a Igreja. Tal relação é querida por Cristo mesmo, quando diz à Mãe e ao discípulo amado: "Eis o teu filho - Eis a tua Mãe". A relação que se estabelece entre a Virgem e o discípulo de Jesus

não é, portanto, fruto de uma pia engenhosidade dos cristãos, mas deriva e encontra a sua legitimação na Palavra do Mestre.

A maioria dos exegetas é unânime em ver a figura de Maria em Caná e junto à cruz dois episódios estreitamente unidos na trama do quarto Evangelho. De fato: a) Em ambos os casos a Virgem está presente, mencionada, porém, não com o nome próprio ("Maria"), mas sim com os apelativos de "mãe de Jesus" (2,1; 19,25) e de "Mulher" (2,4; 19,26); b) A "hora de Jesus", que em Caná ainda não chegou (2,4), chegará no Calvário, onde Jesus passa deste mundo ao Pai (13,1; cf. 19,27b: "E daquela hora..."). Ora, já vimos que a "Hora de Jesus", segundo João, compreende a Paixão-Morte-Ressurreição; c) O banquete de Caná aconteceu no "terceiro dia" (2,1), que corresponde ao sexto dia do ministério inicial de Jesus. Do mesmo modo, a cena de Maria junto à cruz é situada no sexto dia da semana final de oito dias, dentro dos quais João distribui os fatos da Paixão-Ressurreição (cf. Jo 12,1; 18,28; 19,31; 20,1.19).

Importante destacar a ligação da perícopa de Jo 19,25-27 com os dois versículos precedentes, em Jo 19,23-24. De fato, no início do versículo 25 encontramos a partícula grega δε. („de“ = e, pois bem), a qual liga-se estreitamente ao que precede. E o que precede é o relato da sorte da túnica de Jesus, sem costura, toda tecida de alto a baixo, a qual não foi rasgada pelos soldados. Segundo alguns estudiosos, a túnica de Jesus faz alusão à túnica do Sumo Sacerdote, da qual escrevia Flávio Josefo: "Ela não é dividida em duas partes... mas é tecida toda de uma só peça" (Antiguidades Judaicas III,7.4). Muitos antigos viram na túnica de Cristo, deixada íntegra pelos soldados, um símbolo da unidade da Igreja. E de fato: a) O gesto de rasgar as vestes pode indicar o cisma de uma comunidade (cf. 1Rs 11,29-39); b) O verbo grego σχίζω ("schizo" (= rasgar) - usado em 19,24: "Não a rasguemos, em grego: μή σχίσωμεν αὐτόν ("me schizomen auton...") - não indica somente o rasgar das vestes, mas pode significar igualmente a cisão, o "cisma" do povo de Deus em facções (cf. At 14,4; 23,7). Em Jo 7,43; 9,16 e 10,19 o termo grego σχίσμα ("schisma", cima, divisão) exprime o dissenso

criado entre os judeus sobre a pessoa de Jesus, sobre quem Ele fosse;

c) A morte de Cristo, segundo João, teria realizado a unidade do povo de Deus: “[Caifás] profetizou que Jesus devia morrer pela nação, e não pela nação somente, mas também para reunir na unidade os filhos de Deus que estavam dispersos” (11,51-52). Tendo em vista esses elementos, junto com a costura literária entre o v. 24 e o v. 25 (as partículas $\mu\grave{\epsilon}\nu\ \dots\delta\epsilon$. “...men...de...”, de um lado...de outro lado) sugere que entre a cena da túnica e aquela da Mãe aos pés da cruz há uma ligação analógica: a túnica de Cristo, não lacerada pelos soldados, é um sinal daquela Igreja que está para se constituir da união entre a Mãe de Jesus e o discípulo por Ele amado.

Com relação a Maria, nota-se que depois do relato das bodas de Caná, ela permanece oculta no Evangelho de São João, reaparecendo de novo neste momento definitivo da vida de Jesus. Ao mesmo tempo, o termo “hora” aparece neste Evangelho uma só vez no relato da paixão, justamente no contexto onde Maria está presente (Jo 19,27b). Assim, se poderia ver o momento da cruz como que o reverso das bodas, onde o primeiro dos sinais orientava para a plenitude da salvação que tem na paixão, cruz e ressurreição a sua realização.

Note-se que a “Mãe de Jesus estava *junto à cruz de Jesus*” (19,25a: para. $\tau\acute{\omega}$ $\sigma\tau\alpha\upsilon\rho\acute{\omega}$ τοῦ Ἰησοῦ). A construção é peculiar, visto o pleonasma. O genitivo de especificação (“cruz de Jesus”) recorre só neste versículo, em todo o quarto Evangelho. O detalhe “de Jesus” seria supérfluo e desnecessário para fins de clareza¹⁴. Na realidade há um outro motivo para crer que tal formulação pleonástica seja intencional. De fato, no grego do Novo Testamento a preposição $\pi\alpha\rho\alpha$. (*parà* = próximo) é seguida de acusativo, se se trata de um objeto, de uma coisa; emprega-se, porém, o dativo quando tem por complemento uma pessoa, quase para indicar a proximidade e a comunhão com a mesma. Somente em Jo 19,25a se tem $\pi\alpha\rho\alpha$., “*parà*” com dativo do objeto $\tau\acute{\omega}$ $\sigma\tau\alpha\upsilon\rho\acute{\omega}$ (*tô staurô* = à cruz). Esta exceção poderia querer dizer que o Evangelista pretende por em

¹⁴ Em Jo 19,19 ao contrário (“Pilatos escreveu também um letreiro e o colocou no cimo da cruz...”) o genitivo de especificação não ocorre, num contexto que poderia favorecer uma certa ambiguidade. Tendo falado pouco antes de outros dois crucificados (v.18), o texto poderia deixar na incerteza: de qual cruz se trata?

evidência a comunhão de Maria, das piás mulheres¹⁵ e do discípulo mais com o Crucificado do que com a cruz¹⁶.

Com relação ao discípulo amado¹⁷, diz-se "a partir daquela hora, o discípulo a acolheu no que era seu" (19,27b). A atitude do discípulo foi de "acolher" do verbo grego λαμβάνω ("lambânô"). Como em outros lugares na Bíblia, também nos escritos joaninos este verbo tem fundamentalmente dois significados de base¹⁸: "tomar" (sentido ativo), ou "receber" (sentido passivo). Segundo o objeto que o acompanha, João usa este verbo, segundo uma tríplice nuance: a) Significa "tomar", quando tem por complemento de objeto coisas inanimadas (por exemplo, Jo 6,11; 12,3.13; 13,4.26.30; 18,3; 19,23.30.40; 21,13), ou mesmo uma pessoa, tomada, porém, como se fosse um objeto vil (cf. 18,31:Tomai-o e julgai vós mesmos"; 19,1.6.40); b) Tem, ao contrário, o sentido de "acolher" quando o complemento verbal é um dom, um benefício recebido (cf. 3,27; 5,44; 6,7; 7,23; 3Jo 7). Ordinariamente se trata de bens espirituais: a graça (1,16), um prêmio pela vida eterna (4,36), o Espírito (7,39; 14,17; 20,22), aquilo que é pedido na oração (16,24; 1Jo 3,22). Numa terceira série de textos (própria de João no Novo Testamento), λαμβάνω, "lambânô", tem por complemento uma pessoa, ou a

¹⁵ De fato, junto à cruz, em profunda comunhão com Jesus, o Evangelista recorda a presença de quatro mulheres (a mãe de Jesus e a irmã dela, Maria de Cléofas e Maria de Mágdala), mais o discípulo amado. Porém, o papel proeminente neste grupo é atribuído à mãe de Jesus.

¹⁶ A união da Virgem com o Filho atinge a sua expressão mais humana e meritória sobretudo na dor. A propósito, exprime a *Lumen gentium*, 58: "Na vida pública de Jesus, Sua mãe aparece duma maneira bem marcada logo no princípio, quando, nas bodas de Canã, movida de compaixão, levou Jesus Messias a dar início aos Seus milagres. Durante a pregação de Seu Filho, acolheu as palavras com que Ele, pondo o reino acima de todas as relações de parentesco, proclamou bem-aventurados todos os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática (Cf. Mc 3,35 e paral.; Lc 11, 27-28); coisa que ela fazia fielmente (Cf. Lc 2, 19 e 51). Assim avançou a Virgem pelo caminho da fé, mantendo fielmente a união com seu Filho até à cruz. Junto desta esteve, não sem designio de Deus (Cf. Jo.19,25), padecendo acerbamente com o seu Filho único, e associando-se com coração de mãe ao Seu sacrifício, consentindo com amor na imolação da vítima que d'Ela nascera; finalmente, Jesus Cristo, agonizante na cruz, deu-a por mãe ao discípulo, com estas palavras: mulher, eis aí o teu filho (cfr. Jo. 19, 26-27)" (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium, Sobre a Igreja (21 de novembro de 1964)*. AAS 57, 1965, p. 5-71, n. 58).

¹⁷ Foge ao nosso escopo uma análise precisa sobre a identidade desse "discípulo amado". É conhecida a opinião tradicional, desde Santo Irineu (*Adversus Haereses* 3, l. I), que o identifica com o autor mesmo do quarto Evangelho, que estaria falando de si com essa fórmula anônima (Cf. Jo 13,23; 19,26; 20,2; 21,7.20). Nota-se que a autoridade de Santo Irineu, embora muito veneranda, não resolve exegeticamente todas as dúvidas.

¹⁸ Para uma exposição mais completa das referências e usos desse verbo, pode-se conferir DELLING, G., Lambânô. In: KITTEL, G. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, VI. [Brescia: s.n., 1970], col. 21-27.

sua mensagem. Excetuando 19,27b, no quarto Evangelho se trata sempre da pessoa de Cristo (1,12; 5,43; 13,20; cf. 6,21), das suas palavras (12,48; 17,8), do seu testemunho (3,11.32.33; cf. 1Jo 5,9). Em casos como estes, λαμβάνω "lambànô" é praticamente sinônimo de πιστεύω ("pisteuô" = crer; cf. 5,43-44 e sobretudo 1,12). Mas é preciso traduzir com "acolher" ou "receber", pois supõe a disposição interior de quem recebe, a sua abertura para a pessoa que é acolhida. É precisamente o sentido de "acolher" que melhor se enquadra em 19,27b. Não é meramente um "tomar consigo", para prestar auxílios.

"O discípulo a acolheu *no que era seu*" (= nas coisas próprias; em grego εἰς τὰ ἴδια, "eis tà ídia")¹⁹. Como no grego comum, este vocábulo exprime a ideia de "pertença", "propriedade". Em João, porém, indica quase sempre pertença (propriedade) de caráter religioso espiritual: exprime antes de tudo pertença a Cristo. Distingue-se o uso adjetivado²⁰ e substantivado de ἴδιος, "ídios". Como substantivo, possui uma tonalidade muito mais pessoal e existencial, sendo possível distinguir três significados: a) As forças "próprias" do mal (8,44; 15,19); b) Israel e os discípulos como "propriedade" de Jesus (1,11; 10,4; 13,1) e, c) As "coisas próprias" dos discípulos (16,32; 19,27b)²¹. Para compreender, de fato, qual gênero sejam "as coisas próprias", τὰ ἴδια ("ta ídia"), é necessário ter presente que se trata do "discípulo amado por Jesus". Portanto "as coisas próprias" a ele serão os bens, ou por assim dizer, a herança que lhe provém do fato de ser amado por Cristo, de estar em comunhão com Ele. Em resumo, tais "coisas próprias" se identificam com a sua fé no Mestre, com o ambiente vital no qual ele já situou a própria existência. Não são bens de caráter material-

¹⁹ Entre os Evangelistas, João é aquele que mais usa o termo ἴδιος ("ídios" = próprio) ou seu plural τὰ ἴδια ("tà ídia"): Mt = 10 vezes; Mc = 8 vezes; Lc = 6 vezes; Jo = 15 vezes.

²⁰ Como adjetivo, aparece sete vezes. Em dois casos significa uma pertença de ordem mais exterior: "seu" irmão (L4,1); a "sua" pátria (4,44). Mas nos outros cinco é dito de Cristo e se trata sempre de realidades espirituais: "seu" Pai (5,18), no "seu" nome (5,43), a "sua" glória (7,18), as "suas" ovelhas (10,3; Cf. v.12), "todas as suas" [ovelhas] (10,4). Para um estudo mais detalhado, pode-se conferir o estudo de DE LA POTTERIE, I. Le parole de Jésus 'Voici ta Mère', et l'accueil du Disciple (Jn 19,27b). *Marianum*, v. 36, p. 1-39, 1974.

²¹ Com relação a 16,32, a maioria dos comentadores dá um sentido material à frase "... cada um às suas coisas próprias" (grego: εἰς τὰ ἴδια, "eis tà ídia"), quase que os discípulos abandonassem Jesus, dispersando cada um "para sua casa". Tal explicação não parece conforme o contexto que precede no v. 32. De fato, nos vv.12-15 e 25-28 Jesus fala da "revelação" que o Espírito Santo comunicará aos discípulos, e da "fé" que eles terão na Sua pessoa, enquanto "saído de Deus" (v.27).

econômico de ordem espiritual. Em conclusão, portanto, entre os “bens espirituais” que Jesus doa ao discípulo amado, está também Maria, sua mãe. Jesus quer que Ela seja “mãe” também do discípulo. Portanto, a versão do v. 27b deve explicitar de algum modo o sentido ricamente teológico de τὰ ἴδια (“*ta idia*”) pretendido por João²².

Retomando sobre o papel da Mulher/Mãe em Jo 2,1-11 e Jo 19, 25-27 fazendo um paralelo entre o acontecimento em Caná e o momento da crucificação, um no início e outro no fim do Evangelho segundo São João, podemos tirar uma dupla conclusão. A primeira se refere ao fato de Maria aparecer neste Evangelho somente nesses dois momentos. Sendo no início e no fim, sabe-se que a realidade descrita perpassa todo o texto. Deste modo, podemos dizer que a relação de Maria com a “hora” de Jesus perpassa todo o Evangelho, toda a vida de seu Filho.

A segunda conclusão se refere propriamente ao sacerdócio de Jesus. Como já vimos, Cristo é sumo sacerdote e exerce se ministério de modo particular na cruz, onde Ele é, ao mesmo tempo sacerdote, altar e cordeiro. Este ponto alto do Seu ministério sacerdotal tem início, no quarto Evangelho, no primeiro sinal que Jesus fez em Caná, momento em que Ele dá início à sua “hora” até vivê-la definitivamente na cruz. Como a participação de Nossa Senhora nestes dois momentos é singular, cremos que é possível dizer que Maria, desde o primeiro até o último momento da vida de seu Filho está inserida no horizonte do sacerdócio de Cristo. Ele é Mãe do Cristo Sacerdote, o introduz no caminho da Sua “hora” e o acompanha até o seu desfecho final. Depois destas reflexões, gostaríamos, por fim, de falar da relação maternal de Nossa Senhora com cada sacerdote.

²² Mais uma vez, portanto, João parece jogar com o duplo significado de um termo. O τὰ ἴδια (“*tà idia*”) quer indicar a casa material no qual o discípulo hospedou Maria, e sobretudo o espaço espiritual no qual a acolheu segundo a fé.

3. MARIA, A MÃE DOS SACERDOTES

Do texto da crucificação de Jesus, segundo São João, sabemos que além de Nossa Senhora, lá também estava João, o discípulo amado. Naquela "hora" definitiva, Jesus confiou Sua Mãe ao discípulo e este à Sua mãe. Comumente esta passagem é usada para justificar a maternidade de Maria para com todos os fiéis, o que está certamente correto. Sendo este fiel um sacerdote, creio que devemos ainda acrescentar outro elemento.

Segundo o Papa João Paulo II, existe uma relação essencial entre a Mãe de Jesus e o sacerdócio dos ministros do Filho, que é derivante daquela que existe entre a maternidade divina e o sacerdócio de Cristo²³. Cada sacerdote, pelo fato de ser um cristão batizado, é também filho da Mãe de Deus. Somado a isso, pela graça da sua participação do sacerdócio de Cristo, o sacerdote é também filho de Maria como Cristo Sacerdote o é. "Como a João aos pés da Cruz, assim a cada presbítero é confiada, de modo especial, Maria como mãe"²⁴. Podemos falar dessa relação entre Maria e o sacerdote em um duplo sentido.

O primeiro sentido é o papel de Maria como intercessora dos sacerdotes. Na já mencionada relação essencial entre Nossa Senhora e o sacerdócio dos ministros ordenado se enraíza a espiritualidade mariana de todo o presbítero.

*A espiritualidade sacerdotal não pode dizer-se completa se não toma seriamente em consideração o testamento de Cristo crucificado, que quis entregar a mãe ao discípulo predileto e, mediante ele, a todos os sacerdotes chamados a continuar a sua obra de redenção*²⁵.

²³ Cf. JOÃO PAULO II. *Catequese da Audiência Geral (30 de junho de 1993)*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiences/1993/documents/hf_jp-ii_aud_19930630.html>. Acesso em 03 ago. 2017.

²⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para a vida e ministério dos presbíteros*. São Paulo: Loyola, 1996, n. 68.

²⁵ *Ibid.*, n. 68.

O Concílio Vaticano II afirmou: “Ela é a mãe do Sumo e Eterno Sacerdote, a Rainha dos Apóstolos, a força dos presbíteros no seu ministério. Eles, portanto, devem amá-la e venerá-la com devoção e culto filial”²⁶. Portanto, cada sacerdote deve acolher Maria como sua mãe na própria vida, fazendo dela objeto de contínua atenção e oração, de modo que Nossa Senhora a mãe que o conduz a Cristo, que o faz amar autenticamente a Igreja, que intercede por ele e o guia para o Reino dos céus²⁷.

Por isso, cada presbítero deve manifestar constantemente sua devoção filial à Mãe do Sumo Sacerdote, do modo como lhe é mais favorável, não perdendo de vista os meios que a tradição nos legou para honrarmos Nossa Senhora e a Ela recorrermos em nossas dificuldades. Vale lembrar o que lemos no Diretório para a vida e ministério dos presbíteros:

Todo o presbítero sabe que Maria, porque mãe, é também a mais eminente formadora do seu sacerdócio, uma vez que é Ela que sabe modelar o seu coração sacerdotal, protegê-lo dos perigos, dos cansaços, dos desencorajamentos e de vigiar, com materna solicitude, para que ele possa crescer em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens (cf. Lc 2, 40)²⁸.

Com que amor materno Nossa Senhora não olha cada sacerdote por sua pessoal identidade, mas também por ver neles a imagem do seu unigênito sacerdote?! Cremos que Ela ama e acompanha cada presbítero como fez com seu Filho, sobretudo nos momentos de cruz, Ela está sempre lá, de pé, sustentando-os para que consumem em sua vida a vontade do Pai.

O segundo sentido é o papel de Maria como modelo dos sacerdotes. Se de um lado é importante cultivar a devoção filial a Nossa Senhora, não se pode ser filho devoto se não se sabe imitar as virtudes da Mãe. Portanto,

²⁶ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Presbyterorum Ordinis, Sobre a vida e o ministério dos presbíteros (07 de dezembro de 1965)*. AAS 58, 1966, p. 991-1024, n. 18.

²⁷ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para a vida e ministério dos presbíteros*, n. 68.

²⁸ *Ibid.*, 68.

para ser ministro humilde, obediente, casto e para testemunhar a caridade na doação total ao Senhor e à Igreja, o presbítero deve considerar a figura de Maria²⁹.

Por outro lado, considerando os destinatários do exercício do seu ministério, a Igreja, a figura de Nossa Senhora também é exemplar.

Obra prima do Sacrifício sacerdotal de Cristo, Nossa Senhora representa a Igreja no modo mais puro, "sem mancha nem ruga", toda "santa e imaculada" (Ef 5, 27). Esta contemplação da bem-aventurada Virgem coloca diante do presbítero o ideal para o qual tender no ministério da sua comunidade, a fim de que esta seja "Igreja toda gloriosa" (Ef 5, 27) mediante o dom sacerdotal da sua própria vida³⁰.

Portanto, cada aspecto da formação sacerdotal e da vida presbiteral pode ser referido a Maria como à pessoa humana que correspondeu, mais do que qualquer outra, à vocação de Deus, que se fez serva e discípula da Palavra até conceber no seu coração e na sua carne o Verbo feito homem para dá-Lo à humanidade, que foi chamada à educação do único e eterno Sacerdote que se fez dócil e submisso à sua autoridade materna³¹.

Por isso, o sacerdote é chamado a crescer numa sólida e terna devoção à Virgem Maria, testemunhando-a pela imitação das suas virtudes. Em suma, podemos ouvir de novo as palavras do Papa São João Paulo II, aquele cujo *motu* era *Totus tuus*: "Com o seu exemplo e a sua intercessão, a Virgem Santíssima continua a estar atenta ao desenvolvimento das vocações e da vida sacerdotal na Igreja"³².

No contexto do tricentenário do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida e do centenário das aparições de Maria em Fátima, gostaríamos de colocar particularmente em evidência a oração do terço como meio

²⁹ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Presbiterorum ordinis*, n. 18.

³⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para a vida e ministério dos presbíteros*, n. 68.

³¹ JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós-sinodal Pastores Dabo Vobis, Sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais (25 de março de 1992)*. AAS 84, 1992, p. 657-804., n. 82.

³² *Ibid.*, n. 82.

de manter viva e eficaz esta nossa relação com Nossa Senhora. Estamos convencidos que cada sacerdote deveria rezar diariamente o terço. Nas palavras de São João Paulo II, passando com a Virgem Mãe os mistérios da vida Jesus, “recordamos Cristo com Maria, aprendemos Cristo com Maria, configuramo-nos a Cristo com Maria”³³.

“A meditação dos mistérios de Cristo é proposta no Rosário com um método característico, apropriado por sua natureza para favorecer a assimilação dos mesmos. É o método baseado na repetição”³⁴. Esta meditação constante do Senhor e da Sua vida é condição para a necessária configuração do sacerdote com o Sumo Sacerdote e

*no itinerário espiritual do Rosário, fundado na incessante contemplação – em companhia de Maria – do rosto de Cristo, este ideal exigente de configuração com Ele alcança-se através do trato, podemos dizer, “amistoso”. Este introduz-nos de modo natural na vida de Cristo e como que faz-nos “respirar” os seus sentimentos*³⁵.

CONCLUSÃO

Concluimos nossa reflexão convidando a todos os presbíteros a reforçarem e, se necessário, descobrirem a beleza, a profundidade e a necessidade de vivermos concretamente sua devoção filial e sacerdotal à Mãe do Sumo e Eterno Sacerdote, a quem cada sacerdote está unido por força de sua ordenação. Viva a Mãe de Deus!

³³ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Rosarium Virginis Mariae. Sobre o Rosário (16 de outubro de 2002)*. AAS 95, 2003/1, p. 5-36, n. 13-15.

³⁴ *Ibid.*, n. 26.

³⁵ JOÃO PAULO II, *Rosarium Virginis Mariae*, n. 15.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRIESEN, P. Angoisse de la mort dans l'Épître aux Hébreux. *Nouvelle Revue Théologique*, v. 96, p. 282-292, 1974.

ATTRIDGE, H.W. 'Heard because of His Reverence' (Hebr 5:7). *Journal of Biblical Literature*, v. 98, p. 90-93, 1979.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BACHMANN, M. Hohepriesterliches Leiden. Beobachtungen zur Hebr 5,1-10. *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft*, v. 78, p. 244-266, 1987.

BARROSSE, T. The Seven Days of the New Creation in St. John's Gospel. *Catholic Biblical Quarterly*, v. 21, n. 4, p. 507-516, 1959.

BROWN, R.E. *Giovanni. Commento al Vangelo spirituale*. 6ªed. Assisi: Cittadella Editrice, 2005.

CASALINI, N. *Agli Ebrei. Discorso di Esortazione*. Studium Biblicum Franciscanum. Analecta n. 34. Jerusalém: Franciscan Printing Press, 1992.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium, Sobre a Igreja (21 de novembro de 1964)*. AAS 57, 1965, p. 5-71.

_____. *Decreto Presbyterorum Ordinis, Sobre a vida e o ministério dos presbíteros (07 de dezembro de 1965)*. AAS 58, 1966, p. 991-1024.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para a vida e ministério dos presbíteros*. São Paulo: Loyola, 1996.

DE LA POTTERIE, I. Le parole de jésus 'Voici ta Mère', et l'accueil du Disciple (Jn 19,27b). *Marianum*, v. 36, p. 1-39, 1974.

DELLING, G., Lambànô. In: KITTEL, G. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, VI. [Brescia: s.n., 1970], col. 21-27.

FERRARO, G. *L'«Ora» di Cristo nel quarto Vangelo*. Roma: Herder, 1974.

FIGUEIREDO, L.H.B. Maria, Mãe dos sacerdotes. *Revista de Magistro de Filosofia*, v. 10, n. 22, p. 236-243, 2017.

FUILLET, A. L'évocation de l'agonie de Gethsémani dans l'épître aux Hébreux (5,7-8). *Esprit et Vie*, v. 86, p. 49-53, 1976.

GRÄSSER, E. Der Hebräerbrief 1938-1963. *Theologische Rundschau*, v. 30, p. 138-236, 1964.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Rosarium Virginis Mariae. Sobre o Rosário (16 de outubro de 2002)*. AAS 95, 2003/1, p. 5-36.

_____. *Catequese da Audiência Geral (30 de junho de 1993)*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiences/1993/documents/hf_jp-ii_aud_19930630.html>. Acesso em 03 ago. 2017.

_____. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Pastores Dabo Vobis, Sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais (25 de março de 1992)*. AAS 84, 1992, p. 657-804.

LÉON-DUFOUR, X. *Lectura del Evangelio de Juan, Jn 1-4, Vol. I*. Biblioteca de estudios bíblicos 68. Salamanca: Sigüeme, 1989.

LOURENÇO, J.D. *Guia Bíblico e Cultural da Terra Santa*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Marialis Cultus. Para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-Aventurada Virgem Maria (02 de fevereiro de 1974)*. AAS 66, 1974, p. 113-168.

SAHLIN, H. *Zur Typologie des Johannnevangelioms*. Uppsala-Leipzig: [s.n.], 1950.

SERRA, A.M. Le tradizioni della teofania sinaitica nel Targum dello pseudo-Jonathan Es 19.24 e in Giov 1,19-2,12. *Marianum*, v. 33, n. 1, p. 1-39, 1971.

VANHOYE, A. *La Structure Littéraire de l'épître aux Hebreux*. Lyon: Desclée De Brouwer, 1962.